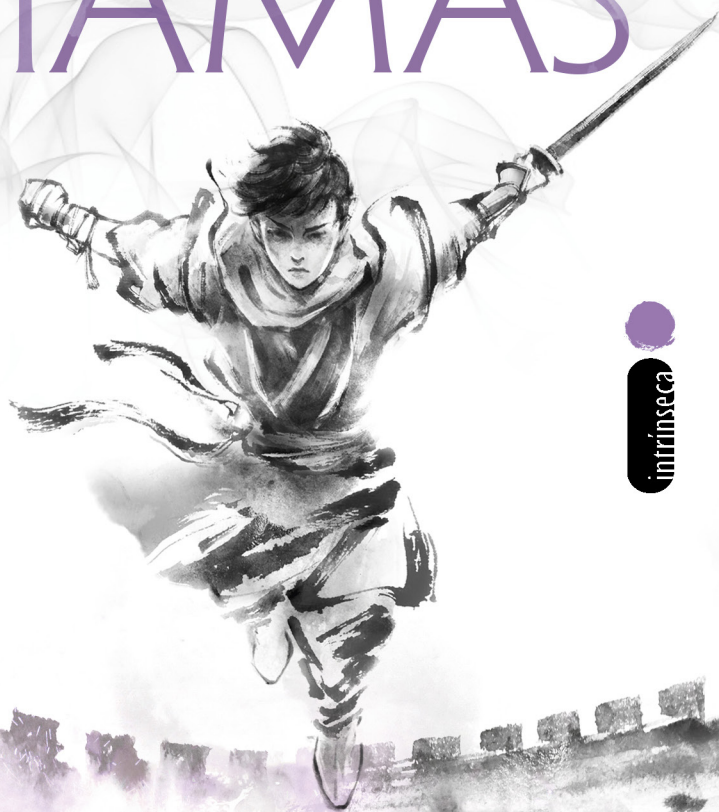
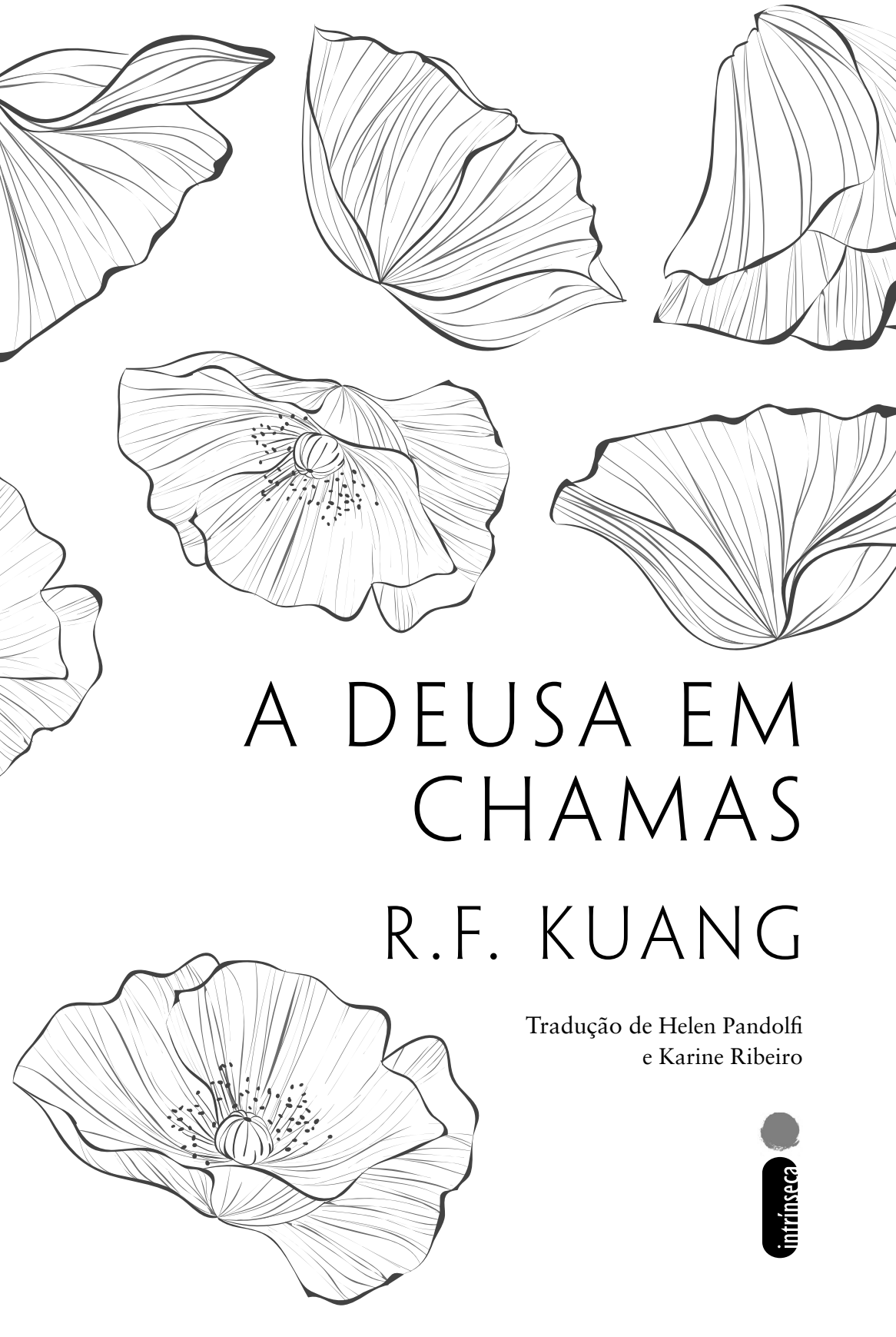


A  
DEUSA EM  
CHAMAS



inrinseca

R.F. KUANG



# A DEUSA EM CHAMAS

R.F. KUANG

Tradução de Helen Pandolfi  
e Karine Ribeiro



Copyright © 2020 by Rebecca Kuang

TÍTULO ORIGINAL  
The Burning God

PREPARAÇÃO  
Victor Almeida

REVISÃO  
Ana Beatriz Omuro

LEITURA SENSÍVEL  
Diana Passy

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

IMAGENS DE MIOLO  
Sudarat Wilairat / Vecteezy (papoulas nas páginas 2, 3, 6 e nas aberturas de capítulo); e  
Freepik (fumaça nas aberturas de parte)

MAPAS  
Eric Gunther | copyright © 2017 Springer Cartographics

ADAPTAÇÃO DO MAPA  
Henrique Diniz

DESIGN DE CAPA  
© HarperCollinsPublishers Ltd 2020

ILUSTRAÇÃO DE CAPA  
© JungShan

IMAGENS DE CAPA  
Kasha-malasha / Shutterstock (circulo roxo na logo)  
Komsan Loonprom / Shutterstock  
Ohm2499 / Shutterstock (fumaça do verso)

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Lázaro Mendes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K96d

Kuang, R. F., 1996-.  
A deusa em chamas / R. F. Kuang ; tradução Karine Ribeiro, Helen Pandolfi. - 1. ed.  
- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2023.  
592 p. ; 23 cm. (A guerra da papoula ; 3)

Tradução de: The burning god  
Sequência de: A república do dragão  
ISBN 978-65-5560-642-3

1. Ficção chinesa. I. Ribeiro, Karine. II. Pandolfi, Helen. III. Título. IV. Série.

23-86209

CDD: 895.13  
CDU: 82-3(510)

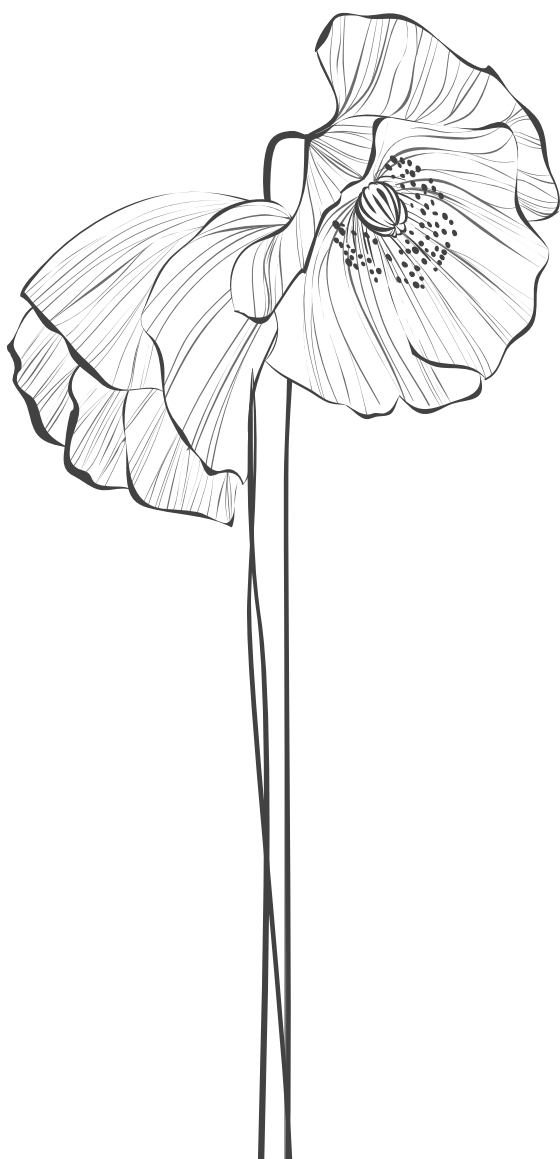


Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

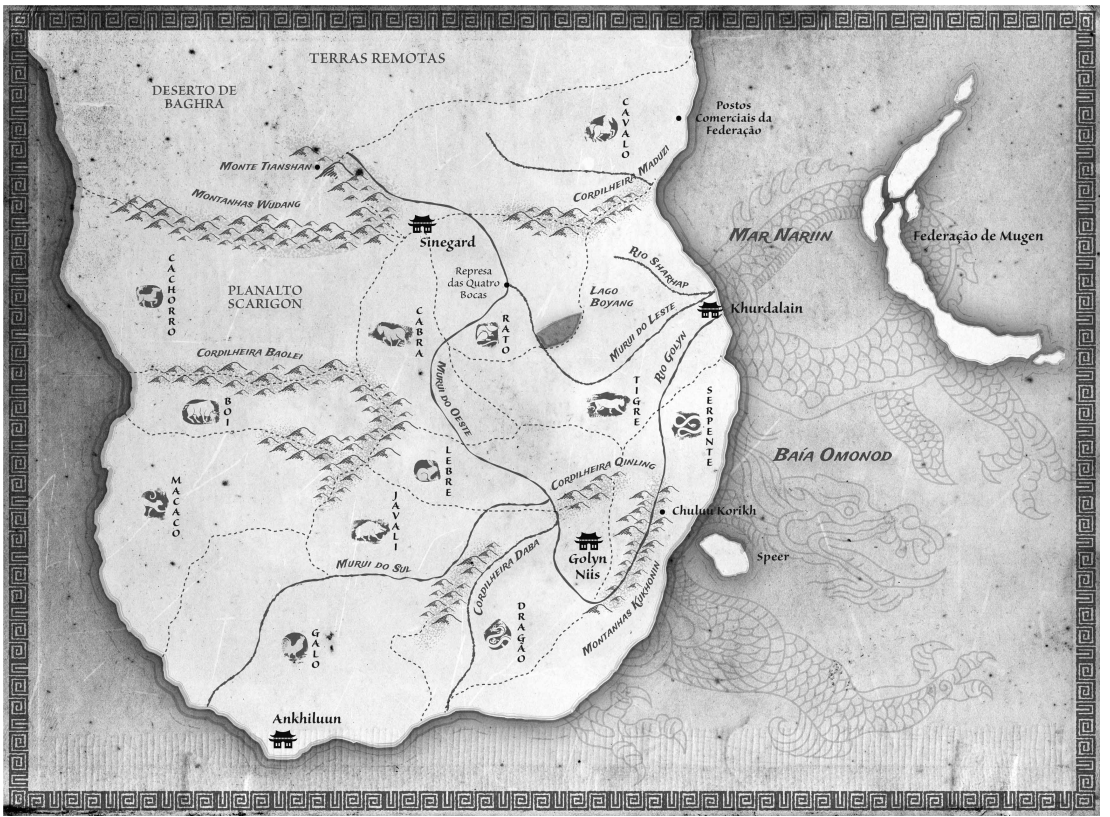
[2023]  
*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303  
22640-904 – Barra da Tijuca  
Rio de Janeiro – RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

## **ALERTA DE GATILHO**

Este livro contém cenas de violência, tortura, estupro e consumo de drogas ilícitas.



*Para meus queridos leitores,  
que permaneceram com esta série até o fim  
e vieram preparados com baldes para suas lágrimas*



## PRÓLOGO

— Não devíamos estar fazendo isso — disse Daji.

A fogueira ardia num tom sobrenatural de violeta, soltando faíscas e chiando em reprovação, como se percebesse a culpa dela. Labaredas se erguiam como mãos afoitas e logo em seguida tomavam a forma de rostos bruxuleantes que, meses depois, ainda faziam suas entranhas se retorcerem de vergonha. Ela desviou o olhar.

Mas os mortos estavam gravados em suas pálpebras quando ela fechava os olhos, as bocas ainda escancaradas de espanto diante de sua traição. Os murmúrios ecoavam em sua mente da mesma forma que ecoavam todas as noites em seus sonhos.

*Assassina*, diziam eles. *Ingrata*. *Vadia*.

O medo comprimia seu peito.

— Riga, acho que não...

— Tarde demais para arrependimentos, querida.

Do outro lado da fogueira, um cervo se debatia enquanto Riga o amarrava com sua costureira eficiência brutal e impiedosa. Ele já havia posicionado três facas de serra, roubadas dos cadáveres de arqueiros ke-treídes, num triângulo perfeito ao redor do fogo. Daji não havia tocado na dela. Estava assustada — o metal reluzente parecia maligno, perverso.

— Já estamos metidos nisso até o pescoço, não acha?

O cervo arqueava o pescoço, contorcendo-se na tentativa de se soltar. Riga segurou seus chifres com uma das mãos e bateu violentamente a cabeça do animal contra o chão.

As chamas cresceram e os murmúrios se intensificaram. Daji recuou.

— Estou com uma sensação ruim.

— Quando foi que você se tornou uma covarde? — provocou Riga, em tom de escárnio.



— Só estou preocupada. Tseveri disse...

— E quem dá a mínima para o que ela diz? — retrucou ele, irritado. Parecia estar na defensiva.

Daji sabia que ele também sentia vergonha. Percebia que alguma parte de Riga também desejava que eles nunca tivessem seguido aquele caminho. Mas ele nunca admitiria isso. Se admitisse, sucumbiria.

Usando um dos joelhos, Riga pressionou o pescoço do cervo contra o chão e enlaçou as patas dianteiras com um pedaço de corda. O animal abriu a boca, como se quisesse urrar, mas o único som emitido foi um ruído rouco e lúgubre.

— Tseveri sempre cagou pela boca. Profecia merda nenhuma. Não acredite nessa baboseira. Ela só falou o que a Sorqan Sira queria que a gente escutasse.

— Ela disse que isso ia nos matar — lembrou Daji.

— Não foi bem isso o que ela disse.

— Mas foi quase.

— Ah, Daji.

Riga apertou o último nó com um puxão violento, analisou seu trabalho por um instante e depois foi se sentar ao lado dela. Com uma das mãos, massageou as costas de Daji em um movimento lento e circular; a intenção era oferecer um pouco de conforto, mas parecia mais uma armadilha.

— Acha mesmo que eu deixaria alguma coisa acontecer com você? — perguntou ele.

Daji se esforçava para manter a respiração uniforme.

*Faça o que ele mandar*, disse para si mesma. Este era o acordo que fizera com Ziya. *Fique quieta e obedeça, ou Riga vai dar um jeito de se livrar de você*. Ela deveria se sentir grata pelo ritual. Serviria como proteção — a garantia máxima de que Riga não poderia matá-la sem matar a si mesmo, um escudo para Ziya e ela.

Ainda assim, Daji sentia muito medo. E se aquilo fosse pior do que morrer?

Então ela juntou coragem e tentou sugerir:

— Deve existir outro jeito de...

— Não existe — respondeu Riga, ríspido. — Não vamos durar muito tempo como estamos agora. A guerra tomou proporções grandes demais, nossos inimigos se multiplicaram. — Ele gesticulou com a faca em

direção à floresta. — E se Ziya continuar desse jeito, não vai durar muito tempo também.

*Ele não vai durar porque você o pressionou*, pensou Daji, sentindo vontade de retrucar. Mas ela segurou a língua com medo de enfurecê-lo ainda mais. Com medo de sua crueldade.

*Você não tem escolha*. Ela se dera conta havia muito tempo de que, se quisesse continuar em segurança, teria que dar um jeito de se tornar indispensável para Riga, como uma âncora para sua vida.

— Anda logo, Ziya. — Riga levou as mãos em concha à boca para chamá-lo. — Vamos acabar logo com isso.

A floresta permaneceu em silêncio.

Riga falou mais alto.

— Ziya. Sei que está aí.

*Talvez ele tenha fugido*, pensou Daji. *Espertinho*.

Daji pensou no que Riga seria capaz de fazer se Ziya tivesse tentado escapar. Iria atrás dele, é claro, e provavelmente o alcançaria — Riga sempre fora o mais forte e o mais rápido dos três. A punição seria terrível. Mas Daji poderia segurar Riga por alguns minutos para que Ziya ganhasse tempo. Ainda que isso lhe custasse a vida, ao menos um deles seria poupado.

No entanto, segundos depois, Ziya apareceu trôpego da floresta, como se estivesse embriagado. Ele tinha o olhar desfocado e desviado que Daji já se acostumara a ver em seu rosto. Ela sabia que isso era sinal de perigo. Devagar, pousou a mão sobre uma das facas.

Riga se levantou e se aproximou de Ziya com as mãos abertas em frente ao corpo, como um domador se aproximaria de um tigre.

— Está tudo bem?

— Se está tudo bem? — Ziya inclinou a cabeça. — O que quer dizer com isso?

Riga engoliu em seco.

— Por que não se senta conosco? — pediu Riga.

Ziya balançou a cabeça com um sorrisinho.

— Isso não tem graça — disse Riga, em tom de reprimenda. — Venha aqui, Ziya.

— Ziya? — Ziya olhou em direção ao céu. — Quem é esse?

Riga pegou a espada, e Daji ergueu sua faca. Os três haviam se preparado para aquilo com o consentimento de Ziya. Precisavam agir antes que ele abrisse o portal.

O rosto de Ziya se contorceu num sorriso sinistro.

— Brincadeirinha.

Riga relaxou.

— Vai se foder.

Daji respirou fundo, aliviada, tentando desacelerar sua frequência cardíaca.

Ziya se sentou de frente para o fogo de pernas cruzadas. Seus olhos se voltaram para o cervo amarrado em uma breve demonstração de interesse.

— Ele é bem manso, hein?

Então pegou uma das facas serrilhadas do chão e a balançou diante do cervo. A lâmina refletiu a luz do fogo. O cervo continuava imóvel, indiferente. Poderiam julgá-lo morto não fosse por sua respiração custosa e resignada.

— Daji meteu um pouco de ópio na goela dele — explicou Riga.

— Ah. — Ziya piscou para ela. — Garota esperta.

Daji queria que a droga tivesse surtido efeito antes. Queria que Riga tivesse esperado. Mas, para isso, seria preciso empatia — algo que ele não possuía.

— Vamos logo, Daji. — Riga apontou a faca para ela. — Não vamos prolongar isso.

Daji não se mexeu. Por um breve momento, pensou em correr. Seus joelhos tremiam.

*Não. Não há outra saída.* Se não pudesse fazer aquilo por si mesma, então que fizesse por Ziya.

Ele gostava de fazer gracinha. Jamais levava nada a sério; apenas Ziya acharia graça na ideia de enlouquecer. Mas a apreensão de Daji e de Riga era real. Ziya vinha andando na corda bamba entre a sanidade e a loucura havia meses, e era impossível saber quando ele perderia a linha de vez. Aquela era a única forma de trazê-lo de volta.

No entanto, o preço a ser pago fora alto.

— Peguem as facas — ordenou Riga.

Os dois obedeceram. O cervo estava dócil sob as lâminas, de olhos abertos e vidrados.

Riga começou a falar. Cada palavra do encantamento que haviam obtido com mentiras, torturas e assassinatos fazia com que as chamas subissem mais e mais; labaredas de três metros de altura se erguiam em direção ao céu. Ao serem proferidas por Tseveri, as palavras soavam

como música. Nos lábios de Riga, como uma maldição. Daji fechou os olhos com força, tentando sufocar os gritos em sua mente.

Riga concluiu a entoação. Nada aconteceu.

Sem saber o que fazer, os três permaneceram imóveis por algum tempo, até que a gargalhada de Ziya quebrou o silêncio.

— Qual é o seu problema? — disse Riga.

— Você está falando errado — respondeu Ziya.

— Errado como?

— É o seu sotaque. Não vai dar certo com você distorcendo as palavras assim.

— Faça você, então.

Riga murmurou algo em mугенês, um xingamento que aprendera quando criança. *Fode-cabra*.

— Eu não sei como — disse Ziya.

— Sabe, sim. — Um tom malicioso surgiu na voz de Riga. — Ela ensinou a você primeiro.

Ziya se retesou.

*Não faça isso*, pensou Daji. *Vamos matá-lo e depois fugir*.

Ziya começou a entoação. Aos poucos, sua voz foi de um sussurro rouco para um bramido, poderoso e fluido. Dessa vez, as palavras soaram mais próximas das proferidas por Tseveri. Dessa vez, elas tinham poder.

— Agora — sussurrou Riga, e eles ergueram as facas para assassinar o último inocente do qual precisavam.

Quando tudo terminou, o vazio os arremessou de volta para seus corpos materiais com um choque semelhante a um banho de água gelada. Daji arqueou o corpo, ofegante. O ar era tão doce e ela sentia a firmeza da terra sob os pés. O mundo familiar se tornara estranho — sólido, belo e misterioso. Daji ardia por dentro, tremendo com a corrente de poder que percorria seu corpo.

Sentia-se mais viva do que nunca. Agora, tinha três almas em vez de uma; agora, estava completa; agora, ela era *maior*.

Eles ainda não haviam retornado completamente do mundo espiritual. A conexão ainda não se romperá; ela ainda tinha acesso às almas de Riga e Ziya. Os pensamentos ruidosos dos dois invadiam sua mente, e ela se esforçava para distingui-los dos próprios.

Em Ziya, ela percebia um temor nítido e puro combinado com enorme alívio. Aquilo não era o que ele queria, nada daquilo era. Ziya tinha muito medo do que poderia se tornar, mas também se sentia grato por estar livre da alternativa. Sentia-se grato pelo pacto.

Em Riga, Daji percebia um misto de alegria inebriante e ambição febril. Ele queria mais. Nem sequer prestava atenção no pânico que irradiava de Ziya; seus pensamentos estavam em outro lugar. Ele os via num campo de batalha, numa mesa de negociação, em três tronos.

Para Riga, aquele havia sido o último obstáculo. Agora os três estavam a caminho do futuro que sempre imaginara para eles.

Daji queria o mesmo. Só não sabia se conseguiria sobreviver àquilo.

Devagar, ela abriu os olhos. O sangue em suas mãos parecia preto sob a luz do luar. Embora o fogo estivesse quase extinto, a nuvem de fumaça era sufocante. Daji quase se deixou cair sobre as brasas, quase mergulhou o rosto nas cinzas para acabar com tudo.

Dedos rijos agarraram seu ombro e a puxaram de volta.

— Calma aí — disse Riga, sorridente.

Daji não conseguia sentir a mesma euforia.

Anos mais tarde, ao se torturar com as lembranças dos três naquele começo, antes de tudo dar terrivelmente errado, ela não conseguia se lembrar de como se sentira na primeira vez em que se ancoraram. Não conseguia se lembrar da sensação extasiante de poder, ou do sentimento assustador e prazeroso de ser reconhecida. Lembrava-se apenas do pesar amargo — da certeza de que, um dia, aqueles segredos roubados seriam pagos em sangue.

E havia Tseveri. O rosto deplorável da menina morta jamais deixava seus pensamentos, e ela ainda ouvia com clareza seu último alerta antes de Ziya lhe arrancar o coração do peito.

*Aqui vai uma profecia para você, dissera ela.*

*Um morrerá.*

*Um governará.*

*E um dormirá pela eternidade.*

# PARTE I



## CAPÍTULO 1

O punho de Rin latejava.

As manhãs de um dia de emboscada eram sempre impregnadas por uma agitação peculiar. Era como se uma carga elétrica no ar, um resíduo crepitante de uma tempestade, percorresse o corpo de Rin e de seus soldados. Ela nunca sentiu algo parecido ao lutar pela República. No começo, os soldados de Yin Vaisra mantinham uma postura impecável — eram taciturnos e calados, agiam como se estivessem ali para cumprir ordens e nada mais. Mais tarde, mostraram-se apavorados. Desesperados.

Os soldados da Coalizão do Sul, no entanto, estavam *furiosos*. E esse sentimento havia lhes dado energia para suportar semanas extenuantes de treinamento básico, além de transformá-los rapidamente em assassinos competentes, ainda que pouco antes muitos deles nunca tivessem sequer tocado numa espada.

Aquela batalha tinha uma importância pessoal para eles, e isso fazia a diferença. Não eram de Khudla, mas eram da Província do Macaco e haviam sofrido a mesma coisa sob a ocupação dos mugeneses. Desalojamentos, saques, estupros, assassinatos, execuções em massa. Centenas de massacres iguais aos de Golyn Niis tinham acontecido naquela terra e ninguém se importara, porque ninguém da República ou do Império dava a mínima para o sul.

No entanto, alguns sulistas haviam sobrevivido para vingar seus mortos, e eram esses os homens e mulheres que constituíam as tropas de Rin.

Os minutos se arrastavam e os soldados eram como cães de caça ansiosos para serem soltos de suas coleiras. O punho de Rin queimava como se estivesse em brasa, e ela sentia pontadas de dor no cotovelo.

— Pare de esfregar — repreendeu Kitay. — Vai piorar.

— Está doendo — respondeu Rin.

— Porque você fica esfregando. Tire a mão, senão isso não vai sarar nunca.

Rin passou os dedos na pele áspera e esburacada que cobria o lugar onde antes estivera sua mão direita. Ela cerrou a mandíbula, tentando resistir à vontade de coçar a pele em carne viva.

Sua mão fora amputada na noite em que chegaram ao porto de Ankhiluun. Naquela altura, depois de duas semanas em alto-mar, o membro era quase um pedaço de carne gangrenada. Apesar de todos os esforços do atendimento médico das Lírios Negros, haviam restado tantos pontos de exposição em sua pele que era um milagre a infecção não ter se alastrado. O procedimento fora breve. A médica de Moag cortou a mão de Rin, podou a carne apodrecida e costurou a pele em uma dobra limpa sobre o osso exposto.

A ferida em si havia sarado de maneira satisfatória. No entanto, depois que Rin parou de tomar láudano, seu punho se transformou numa fonte de agonia excruciante. Dores constantes a torturavam nos dedos que já não tinha. Às vezes a aflição era tamanha que Rin batia a mão contra a parede para tentar sobrepor uma dor à outra. Então se lembrava de que sua mão já não existia mais. A dor era imaginária, e Rin não sabia como abrandar algo que existia apenas em sua mente.

— Vai acabar sangrando — advertiu Kitay.

Sem perceber, Rin tinha começado a coçar outra vez. Ela aninhou o toco com a mão esquerda e o pressionou com força, tentando abrandar a coceira com a pressão de seu toque.

— Vou ficar maluca. Não é só a coceira. Ainda consigo sentir os dedos. Parece que tem mil e uma agulhas me furando, e não consigo fazer nada.

— Acho que entendo — respondeu Kitay. — Eu também sinto isso às vezes, uns tremores do nada. O que é estranho, se parar para pensar. Os dedos são meus, mas a dor é sua.

Antes da cirurgia de Rin, eles temiam que amputar a mão gangrenada pudesse inutilizar a de Kitay. Ambos desconheciam os limites do vínculo; sabiam que a morte de um significaria a morte do outro. Um sentia a dor do outro, e ferimentos em um deles se manifestavam como cicatrizes pálidas e ligeiramente visíveis na pele do outro. Mas eles não sabiam o que isso significaria para amputações.

No entanto, quando chegaram a Ankhiluun, a infecção de Rin era tão grave que a dor estava insuportável para os dois, e assim Kitay declarou



em agonia que, se Rin não amputasse a mão, ele ia serrá-la por conta própria.

Para grande alívio dos dois, o braço de Kitay continuou intacto. Uma cicatriz irregular, parecida com um bracelete, surgiu em seu punho bem na altura da incisão, mas seus dedos ainda funcionavam, ainda que tivessem se tornado um pouco rígidos. De vez em quando, Rin encontrava o amigo com dificuldade para segurar uma caneta, e agora ele demorava muito mais para se vestir de manhã, mas sua mão ainda estava ali. Embora isso fosse motivo de alívio para Rin, ela não conseguia evitar um sentimento persistente de inveja.

— Consegue ver? — perguntou Rin, agitando a mão diante do rosto de Kitay. — Uma mãozinha fantasma?

— Você devia colocar um gancho aí — disse ele.

— Não vou usar um gancho idiota.

— Então uma faca. Aí talvez você voltasse a treinar.

Rin olhou para ele, irritada.

— Eu vou voltar.

— Quando? — insistiu ele. — Se continuar assim, a próxima vez em que pegar uma espada será a última.

— Não vai ser preciso...

— Talvez seja, você sabe disso. Pense bem, Rin, o que vai acontecer se...?

— Agora não — interrompeu ela, com aspereza. — Não quero falar sobre isso agora.

Ela odiava treinar com espadas. Odiava se atrapalhar fazendo coisas com a mão esquerda que a mão direita antes fazia de modo inconsciente. Depois de tanto esforço para se convencer de que não era mais impotente, as tentativas faziam com que ela se sentisse incapaz, idiota e inadequada. Na primeira vez em que segurou uma espada, uma semana depois da cirurgia, seu braço esquerdo tremeu de maneira tão debilitante que ela imediatamente jogou a arma no chão, horrorizada. Rin não suportaria se sentir dessa forma outra vez.

— Eu sei qual é o problema — disse Kitay. — Está nervosa.

— Eu não fico nervosa.

— Mentira! Você está morrendo de medo, por isso está enrolando. Está apavorada.

*E tenho uma ótima razão para isso, pensou Rin.*

O latejar em seu punho não era o problema, apenas um sintoma. Rin estava esperando que alguma coisa, qualquer coisa, desse errado. A localização deles podia ter vazado. Os mugeses podiam saber que estavam chegando.

Ou eles simplesmente podiam perder.

Rin nunca tinha lidado com defesas tão boas como aquela. Os mugeses em Khudla sabiam que as tropas de Rin se aproximavam; a guarda da cidade estava a postos havia dias. Além disso, os inimigos dela estavam propensos a temer ataques noturnos, embora a maioria das forças não ousasse executar uma operação tão complexa sem a ajuda da luz do dia. Aquela ofensiva não seria simples e proveitosa.

Mesmo assim, Rin não podia falhar.

Khudla era um teste. Ela vinha implorando ao Líder do Macaco por uma posição de liderança desde a fuga de Arlong, e tinha recebido a mesma resposta repetidas vezes: ela não poderia liderar colunas de homens em uma batalha até que tivesse experiência. Naquele dia, no entanto, ele finalmente a colocara na liderança.

Libertar Khudla era a missão de Rin e de mais ninguém. Até aquele momento ela havia lutado sozinha, uma força destruidora de fogo que a Coalizão do Sul arremessava nas batalhas como um míssil de longo alcance. Agora, no entanto, estava liderando uma brigada de centenas de homens.

Havia soldados lutando sob seu comando. Isso a assustava. E se esses mesmos soldados morressem sob seu comando também?

— Temos tudo planejado minuciosamente. A guarda muda a cada trinta minutos — disse Kitay. Eles haviam discutido aquilo uma dúzia de vezes antes, mas ele repetia a estratégia para acalmá-la. — Você vai saber o momento certo de agir quando as vozes mudarem. Se aproxime o máximo que conseguir antes do pôr do sol e ataque na hora da troca de turno. Você se lembra dos sinais?

Rin respirou fundo.

— Lembro.

— Então não precisa se preocupar.

Falar era fácil.

Os minutos se arrastaram. Rin observou o sol baixar em direção às montanhas, relutante em sua descida, como se estivesse sendo arrastado céu abaixo por uma criatura escondida no vale.

Não houve rendição formal por parte da Federação de Mugen depois que Rin conjurou a Fênix na Ilha de Speer e encerrou a Terceira Guerra da Papoula. O Imperador Ryohai e sua prole foram imediatamente transformados em estátuas de carvão soterradas por montanhas de cinzas. Ninguém da família imperial mugenesa sobreviveu para negociar a paz.

Assim sendo, não houve qualquer armistício ou tratado. Nenhum general mugenês forneceu um mapa com o paradeiro de suas tropas e tampouco entregou suas armas à liderança nikara. Em vez disso, todos os soldados da Federação que continuaram no continente passaram a representar ameaças imprevisíveis — soldados altamente qualificados vagando sem propósito ou nação. Yin Vaisra, anteriormente Líder do Dragão e recém-eleito presidente da República Nikara, poderia ter dado um fim a esse problema meses antes. Em vez disso, permitiu que os homens continuassem vagando sem rumo com o objetivo de minar os próprios aliados num plano de longo prazo para fortalecer seu domínio no decadente Império Nikara. Agora, no entanto, os pelotões formados por esses soldados haviam se organizado em diversos grupos independentes e estavam aterrorizando o sul. Para todos os efeitos, os nikaras e os mugeneses permaneciam em guerra. Ainda que sem o apoio da ilha do arco, os mugeneses tinham conseguido colonizar o sul em questão de meses, e Rin permitira isso, imersa em sua obsessão pela insurreição de Vaisra enquanto a verdadeira guerra acontecia em seu próprio lar.

Ela havia abandonado o sul uma vez. Isso não aconteceria de novo.

— Kazuo me informou que os navios continuam avançando — disse alguém em mugenês.

Era a voz de um menino, aguda e esganiçada.

— Kazuo é um babaca — respondeu alguém que estava com ele.

Rin e Kitay haviam se aproximado do acampamento mugenês e estavam agachados em meio a arbustos, ouvindo a conversa fiada dos patrulheiros que a brisa noturna carregava até eles. No entanto, o mugenês de Rin estava enferrujado depois de mais de um ano sem prática, e ela tinha que se esforçar para entender o que diziam.

— Esse idioma parece barulhinho de inseto — reclamara Nezha certa vez.

Eles ainda eram jovens bobos amontoados numa sala de aula em Sinegard e não sabiam que a guerra para a qual treinavam não era hipotética.

Rin lembrava que Nezha odiava as aulas de mугenês. Ele não conseguia compreender os cliques rápidos do idioma quando falado em sua velocidade normal, então passava as aulas zombando, fazendo os colegas de sala rirem com sons sem sentido que lhes pareciam frases reais.

— *Tic, tic, tic* — zombava ele, chirriando. — Que nem uns bichinhos.

*Feito grilos*, pensou Rin. Era como os mугeneses passaram a ser chamados no interior. Rin não sabia se era um insulto novo ou reciclado de muito tempo; não ficaria surpresa se fosse a segunda opção. A história era cíclica — àquela altura, Rin havia aprendido isso muito bem.

— Kazuo disse que os navios já estão chegando aos portos da Província do Tigre — disse a primeira voz, o menino. — Estão ancorando num lugar escuro, trazendo a gente de volta aos pouquinhos...

O segundo patrulheiro bufou.

— Até parece. A gente já teria ficado sabendo se fosse o caso.

Houve um breve silêncio e um farfalhar de grama. Rin percebeu que os patrulheiros estavam deitados. Talvez estivessem olhando as estrelas, o que era muito idiota da parte deles e muitíssimo irresponsável. Mas, pelas vozes, os dois pareciam muito jovens. Não eram soldados, mas crianças. Seria possível que fosse simplesmente ingenuidade?

— A lua aqui não é igual — disse o primeiro patrulheiro, nostálgico.

Rin reconheceu aquela frase. Aprendera sobre ela em Sinegard: era uma expressão mугenesa muito antiga, um aforismo derivado de uma história sobre um barqueiro apaixonado por uma mulher que morava numa estrela longínqua e que construiu uma ponte entre dois mundos para que pudessem finalmente se encontrar.

*A lua aqui não é igual*. Significava que ele queria voltar para casa.

Os mугeneses falavam com frequência sobre voltar para casa. Ela ouvia algo parecido sempre que espionava algum deles. Falavam sobre voltar para casa como se essa casa ainda existisse, como se a ilha do arco fosse um tipo de paraíso esplendoroso para o qual poderiam facilmente retornar se os barcos certos atracassem no porto. Falavam sobre as mães, os pais, as irmãs e os irmãos que esperavam por eles no cais, como se tivessem sido salvos por um milagre do fogo escaldante.

— É melhor ir se acostumando com esta lua — respondeu o outro patrulheiro.

Quanto mais falavam, mais jovens soavam. Rin se perguntou como seriam seus rostos; suas vozes a faziam imaginar braços e pernas compridos, bigodes ralos. Não deviam ser mais velhos do que ela. Deviam ter cerca de vinte anos, talvez menos.

Ela se lembrou de ter lutado contra um garoto de sua idade durante o cerco em Khurdalain, o que parecia ter acontecido uma eternidade antes. Ele tinha um rosto rechonchudo e mãos macias. Lembrou-se de como seus olhos se arregalaram quando ela lhe perfurou o estômago com a espada.

Ele devia ter sentido muito medo. Provavelmente estava tão assustado quanto ela.

Rin percebeu o desconforto de Kitay a seu lado.

— Eles também não querem estar aqui.

Era o que ele havia lhe dito semanas antes. Os dois estavam interrogando alguns dos prisioneiros mugenese, e Kitay acabara sendo muito mais compreensivo com eles do que Rin gostaria.

— São só garotos — dissera seu amigo. — Parte deles é mais nova do que nós, e eles não queriam estar nesta guerra. A maioria foi arrancada das próprias casas e atirada em campos de treinamento violentos para que suas famílias não fossem para a prisão ou morressem de fome. Eles não querem matar ninguém, só querem ir para casa.

Mas a casa deles já não existia mais. Aqueles garotos não tinham para onde fugir. Se as portas da reconciliação haviam sido abertas, se alguma vez existiu a opção de repatriar combatentes inimigos e caminhar lentamente rumo a uma resolução pacífica, Rin as tinha fechado havia muito tempo.

Um grande abismo de culpa, sua amiga sempre fiel, se agitou nas profundezas de sua mente.

Rin a reprimiu.

Ela tinha se saído muito bem ao enterrar as próprias lembranças. Era a única maneira de manter sua sanidade.

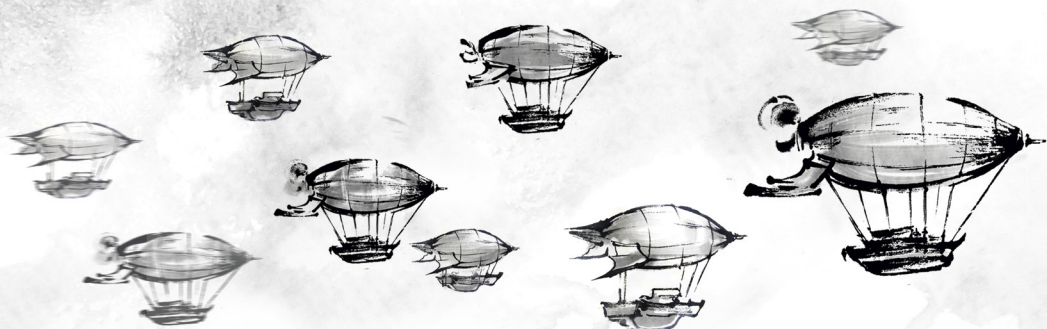
*Crianças também podem ser assassinas*, Rin lembrou a si mesma. *Meninos podem ser monstros*.

Os limites da guerra haviam se tornado tênues demais. Todo soldado mugênês que vestia um uniforme era cúmplice, e Rin não tinha paciência para separar culpados e inocentes. A justiça speerliesa era absoluta. Sua vingança era definitiva. Ela não tinha tempo para pensar no que poderia ter acontecido se fosse diferente; havia uma pátria para libertar.

Seu punho começou a latejar outra vez. Devagar, ela respirou fundo, fechou os olhos e repassou o plano de ataque várias vezes em sua mente, tentando se acalmar.

Rin passou os dedos sobre as cicatrizes em sua barriga. Deixou-os permanecer no local onde a impressão da mão de Altan fora queimada nela como uma marca. Ela pensou nos garotos patrulheiros e os transformou em alvos.

*Já matei milhões de vocês antes, pensou ela. Para mim, isso virou rotina. Para mim, isso não é nada.*



Ao sair de Tikany para estudar em Sinegard, a academia militar mais prestigiosa do então império, Rin não olhou para trás. No entanto, após salvar a nação de invasores estrangeiros, lutar em uma guerra civil atroz e se ver traída por seus maiores aliados, a garota percebe que todos os caminhos a levam de volta para o lugar em que cresceu, nas províncias do sul de Nikan.

É ali, nesses lugares miseráveis, devastados pelas guerras e negligenciados pelos governantes, que Rin sabe que reside o verdadeiro poder: nas milhões de pessoas comuns sedentas por vingança e que a veem como uma deusa da salvação. À frente da frágil Coalizão do Sul, Rin comanda um exército de famintos e miseráveis que não medirá esforços para aniquilar a República do Dragão, os colonizadores hesperianos e qualquer um que ameace as artes xamânicas e seus praticantes.

Conforme seu poder e influência crescem, será que Rin será forte o suficiente para resistir aos sussurros cada vez mais insistentes da Fênix, ordenando que ela queime o mundo e tudo que há nele?

Na aguardada conclusão da trilogia *A Guerra da Papoula*, considerada uma das melhores fantasias de todos os tempos pela revista Time, a jornada de magia, poder e loucura de Rin chega ao fim, e a jovem xamã encontra seu destino — apoteótico, catastrófico e inesquecível.

## SAIBA MAIS:

<https://intrinseca.com.br/livro/a-deusa-em-chamas/>

